DESESPERAÇÃO

DE

COSTA CABRAL,

DESESPERAÇÃO

DE

COSTA CABRAL

POR

J. M-M.

Estudante de Coimbra.

Porque duram as memorias menos nas tradições, que nos escriptos.

J. F. D'ANDRADA.

COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1846.

AOS

AMADORES DA TYRANNIA

D.

O Auctor.

I.

ERa um bello dia d'Abril do anno do Senhor de 1846. Batiam 5 horas da tarde, e os ultimos raios do sol doiravam ainda as elevadas cupulas do paço de Belem.

O passaro do mar andava pairando manso e manso por de sobre as aguas verde-escuras do soberbo Téjo.

Gritava lá na praia a brava celeuma gritos d'alegria ao avisinhar-se a noite benigna, que lhes vinha dar allivio aos membros fatigados.

Era tudo alegria no exterior da capital de Portugal.

Mas dentro, lá no interior, tudo se agitava; — não se viam senão homens a cavallo e a pé, correndo a toda a brida e dirigindo-se ao paço.

Eram emissarios fieis do ministro do reino, que lhe levavam participações ácerca dos acontecimentos recentes da provincia do Minho.

Um homem, todo cuberto d'andrajos, de figura triste e hedionda, introduziu-se no paço, pedindo que o deixassem entrar no gabinete de S. Ex.ª

Deu o nome, e uma voz — *que entre* — fez palpitar d'alegria o coração do miseravel.

Deu meia duzia de passos, ía a subir alguns degráos, quando se lhe appresenta um homem de farda bordada d'oiro e com seus crachás ao peito.

Era o maior personagem portuguez, em cujas mãos estava a sorte do paiz, que todo entregue ao *bóm* serviço da patria não podia esperar no seu gabinete doirado as novas felizes da tranquillidade pública; — vinha recebel-as á escada! . . .

Pegou nos officios, escutou o que lhe disse ao ouvido o rôto, e entrou novamente no seu aposento.

Leu, tornou a ler, e poz de parte, debaixo d'um grande sinete d'oiro, a participação confidencial, que lhe mandava um satellite dedicado de Braga.

— Sam 15$ homens, disse elle com vóz de trovão, 15$ homens completamente armados por todo o Minho, desmoronando a obra gigante, que eu começava de cimentar na legalidade e na justiça para felicitar o meu povo!! E poderam os meus soldados realizar a triste idêa de retirarem á approximação d'aquellas hordas selvaticas, que violaram a lei?!. . . Mas eu porei côbro a tanta audacia . . . a insurreição começada por mulheres ha de abortar, e fazer succumbir muitas idêas ambiciosas dos meus inimigos . . .; — prestes o mano José saberá expulsar aquellas féras dos covis, que óra occupam. . .

E assentou-se.

Parecia meditar profundamente: depois foi á uma porta perto da sala, e chamou por certo nome conhecido.

Entrou um padre muito reverendo, antigo empregado no paço real, homem de muito saber e *alta politica*.

Sua Ex.ª, apenas elle entrou, pegou na confidencial e amostrou-lh'a.

O *digno* ecclesiastico pôz-se a ler, e depois com pachorrenta voz disse:

— Então que temos lá com isso? não se afflija V. Ex.ª; o mar ha de serenar.

— Mas parece incrivel, padre Marcos, parece incrivel que Portugal se não repute feliz com a minha administração. O systema representativo é completamente realizado e garantido; — a urna é livre; — as contribuições sam razoaveis; — não sei, não sei que mais querem de mim os Portuguezes, padre Marcos!

— Deixe-os lá V. Ex.ª, respondeu o bom padre, deixe-os lá, que as nossas bayonnetas farão o seu dever.

— Confio n'ellas, meu bom amigo, replicou o ministro; mas arreceio, que a conflagração se torne geral, e que o augusto solio, que tanto custou ao immortal Pedro, desabe agora sob as foices rudes d'aquelles mesmos, que elle generosamente libertou!

— E se o for, tornou sua reverendissima, então o que tem isso? V. Ex.ª não está já muito bem? Não tem a sua fortuna toda livre das garras d'esse povo indomito? Dentro d'um minuto está V. Ex.ª a bordo d'uma embarcação estrangeira, e adeus Portugal! Em todo o caso, uma vez que V. Ex.ª não póde levar esta gente por meios brandos, astucia e ferro! —

N'aquelle instante novos emissarios e amigos intimos do ministro entraram no gabinete, interrompendo aquelle interessante dialogo. O padre retirou-se, e S. Ex.ª esteve até alta noite em conferencia com Mr. Dietz, *honrado* estrangeiro, que, insinuando-se no paço a titulo d'educar os netos de D. Pedro, ousou dictar leis á nossa terra.

II.

Assim eram tractados os negocios de Portugal; — assim se discutiam os interesses d'uma nação heroica, tão digna de melhores fados. Um padre, um déspota e um estrangeiro, triumvirato infame e sanguinario, foram por alguns annos o *solido* pedestal, em que assentou um throno excelso, que occuparam tantos homens grandes. D'est'arte a innocente e adorada Rainha de Portugal, illudida por aquelles pessimos conselheiros, amaldiçoaria, quem sabe? o povo portuguez, cuja emancipação

comprára seu augusto pai por tão subido preço, pelo sangue dos homens mais dedicados ás idêas liberaes!

Astucia e ferro! que palavras na bôcca d'um ministro do altar! — que triste idêa germinando no coração de portuguezes, tão indignos d'este nome!

Mas a liberdade não podia permanecer muito tempo algemada com as algemas da tyrannia!

O grito de revolta, que surgíra no Minho, em breve se repercutiu em todos os angulos do paiz. Em todas as provincias do sul e meio-dia do reino retumbou a voz do norte — *abaixo os tyrannos! abaixo os Cabraes! Viva a Rainha e a liberdade!*

Cada cidadão portuguez era um Kosciusko polaco — levando o grito de guerra ao meio das choupanas do caçador do monte.

Todo o povo se fundiu n'um só homem, tinha um só pensamento, um só desejo — a liberdade.

E era isto o que temia S. Ex.ª; elle bem o sentia dentro em si; mas queria consummar a obra *gigante*, que começára; — cuidava que sem fazer derramar o sangue dos seus concidadãos, depois de exhaurir-lhes a bolsa, não grangearia um nome eterno; — queria pois levar o facho d'Erostrato ao edificio social.

Tinha razão: S. Ex.ª queria ser concludente, porque professava uma logica de ferro.

Mas voltemos ao gabinete de Costa Cabral no dia 19 de maio; — vamos ter com elle rodeado pela sua camarilha toda, protestando morrer com as espadas na mão em prol do seu *soberano*; — vamos vel-o macilento, com os olhos encovados, despedindo-se dos seus *fieis*, e dando-lhes o adeus saudoso, que tanto lhe custava a desprender dos labios.

Era *tocante* aquella scena. D'um lado estavam os *sustentaculos* da corôa com os ferros em punho, querendo impedir que S. Ex.ª se dimittisse, e jurando pelo juramento dos clubs militares derramar a ultima gôtta de sangue em defesa das *instituições*; — d'outro viam-se os aulicos importunos e hediondos, enxugando as lagrymas, e lamentando o idolo cahido do altar, em que noite e dia sacrificavam uma parte da sua vida; — acolá estavam assentados os miseraveis agiotas de rostos indifferentes e maneiras estupidas, vendo em cada agitação, que se fazia em Portugal, mais uns tantos contos de reis a correr-lhes para o bolso.

Mas a sorte dos vís e dos infames estava traçada por mão firme e resoluta, pela mão do povo soberano.

Breve foi o conclave politico, e S. Ex.ª, depois de uma curta polemica entre os grandes, resolveu alfim pedir á Soberana a dimissão do cargo elevado, a que o arrojára o *destino*.

Recebeu-a no dia seguinte.

Quando Mr. Dietz lh'a ía entregar (tem muita presença d'espirito este senhor Dietz), achou-o enterrado no seu gabinete particular, só, triste e meditabundo.

Mr. Dietz, que não gosta de vêr ninguem d'alma pequena, entregou-lhe a dimissão, e abalou sem ouvil-o.

Foi então que se ostentou a sua expansão desesperada.

Pegou na pasta, que tanto idolatrára; arrojou-a para longe de si, e com voz infernal exclamou:

— Miseravel Portugal! — expulsaste-me do teu gremio, mas ao menos a minha vingança foi completa; — a quantos passos os teus filhos deram contra mim, acharam um poço de sangue derramado por minha ordem, e esse sangue é de seus pais, de seus irmãos, de seus parentes; — expulsaste-me, porém eu tambem te votei á miseria e á desgraça; — as minhas cohortes fieis talaram, saquearam e incendiaram a mais rica, a mais formosa, a mais louçã das tuas provincias; — eu destruí Almeida; — mandei assolar os campos de Prado, Ponte do Lima, e outras terras; — Porto de Móz nadou em sangue; — as bôccas de fogo ainda ficam assestadas ás ruas da capital; — os meus *valentes* ainda estão em armas para te hostilizar, e Costa Cabral vai muito descançado desfructar em terra estranha o pão, que te soube extorquir!! Eu pude fazer rojar aos pés do meu

throno de ferro homens de todos os partidos; eu pude fazer-lhes crer que só devia de haver uma bandeira em Portugal, a bandeira cabralina! e elles creram-me, e elles ajudaram-me a subir! Adeus, pois, terra embrutecida; adeus, que bem vingado e satisfeito abandono as tuas fronteiras!!

E Portugal tambem te responde:

— Vai-te, pois, lobo cerval! Vai-te, que nem sequer um só dos teus parentes cá fique n'esta nossa terra livre, para nos não recordar os ferros, que acabamos de quebrar. Vai-te, féra damnada! que nem ao menos fique na praia portugueza a tua pégada infame! que a maré venha desfazel-a, para cá não ficar coisa tua; — adeus, que as rochas e os cachopos sejam o só asylo, que possas encontrar na vastidão dos mares; — praza aos céus, que o punhal do marinheiro tenha compaixão de ti, já que não houve na terra portugueza um arcabuz amigo, que te arrancasse a vida; — que o nauta duro te crave o coração e o erga aos ares, para servir de pharol aos tyrannos, que ousarem ainda seguir-te os passos!

Imitador de Nero! tocando na tua cithara *ministerial*, adormecido ao som dos clamores publicos, tu foste surdo aos gemidos da viuva, aos lamentos do órpham, aos queixumes do irmão.

Mas o irmão, o órpham, a viuva, todos, como

um só homem, te vêm agora escarrar na face proscripta a palavra — maldicção!

Porêm folga ainda, que o teu nome execrando não tem de ficar sepultado no esquecimento! Não! é mistér que elle dure, que se perpetue, que se transmitta de pais a filhos, para mais se eternizar a revolução portugueza de 1846, que vai dar brado na Europa inteira.

Que estes oito versiculos, tão simples, mas tão expressivos, formem o teu hymno dedicado:

Já lá vai por mar em fóra
O feroz *costa cabral;*
Foi ministro e foi tyranno
D'este fertil Portugal.

Em má hora o vento leve
Com a vaga enfurecida
D'este solo tão gentil
O verdugo e homicida!

FIM.

um só homem, te vem agora escarrar na face proscripta a palavra — maldicção!

Porém folga ainda, que o teu nome execrando não tem de ficar sepultado no esquecimento! Não! é mister que elle dure, que se perpetue, que se transmitta de pais a filhos, para mais se eternisar a revolução portugueza de 1846, que vai dar brado na Europa inteira.

Que estes oito versinhos, tão simples, mas tão expressivos, formem o teu hymno dedicado:

Já lá vai por mar em fóra
O feroz *costa cabral*;
Foi ministro e foi tyranno
D'este fertil Portugal.

Em má hora o vento leve
Com a vaga [illegible]
D'este solo tão gentil
O verdugo [illegible]!

FIM.